

IMEMBUÍ: NARRATIVA FICCIONAL OU LENDÁRIA? A (IN) EXISTÊNCIA DE SINAIS MÍTICOS EM NARRATIVAS DITAS DE ORIGEM

Gabriela Quatrin Marzari©

RESUMOⁱⁱⁱ

O objetivo do presente trabalho é apresentar elementos de diferenciação entre narrativas ficcionais e lendárias, a fim de comprovarmos nossas observações iniciais quanto ao caráter ficcional do conto indígena *Imembuí*, do escritor santa-mariense João Cezimbra Jacques. O fato de ser uma manifestação do poder criador de Cezimbra Jacques, somado à inexistência do elemento maravilhosoⁱⁱⁱ, atesta o caráter ficcional de *Imembuí*. Constatamos, deste modo, que o texto que relata o início da civilização de Santa Maria, embora atualmente tido como lendário, constitui, uma narrativa ficcional.
PALAVRAS-CHAVE: história, mito e ficção.

INTRODUÇÃO

Ao considerarmos o depoimento de autores como Lévi-Strauss, Mircea Eliade, Roland Barthes, Regina Zilberman, autoridades entre os estudiosos da “ciência do mito” - a mitologia - podemos inferir que o mito representa uma tentativa de organização da realidade primitiva, de modo que esta se torne compreensível. Segundo Eliade (1996: 55), esta realidade, porém,

constitui uma realidade superior à profana porque remete a acontecimentos que se sucederam em um instante primordial e atemporal, o tempo original da criação do mundo, identificado como o Grande Tempo, o Tempo Sagrado, que é reatualizado toda vez que um indivíduo, imerso em sua atual condição profana, ouve ou recita um mito.

DESENVOLVIMENTO

No século XIX, conforme registra Zilberman (1977), o Romantismo Brasileiro constituiu uma revolução artística ao estabelecer o conceito de *liberdade* como norma para

formação de uma identidade nacional. Essa *liberdade de produção* incidiu diretamente nos temas explorados, cujo caráter puramente nacionalista, privilegiavam os tipos regionais, na maioria das vezes, mitificados.

Esse processo de emancipação político-cultural, segundo Zilberman (1977: 15),

levou à descoberta e valorização do cabedal mitológico dos primeiros habitantes do continente e das populações advindas com a colonização, destacando-se particularmente a contribuição negra, por estar também carregada de primitividade e magia; e estes, os acervos culturais de índios e negros, na sua fusão com o elemento branco, tornaram-se a fonte mais importante para a criação de uma nova arte literária, na medida em que, devido a tal associação, ela está marcada pela presença do maravilhoso.

É justamente esse elemento maravilhoso, segundo Zilberman (1973: 83), que determina o aspecto lendário de uma narrativa, e cuja existência (do elemento maravilhoso) pode ser apreendida através de *sinais míticos*, os quais são apropriados à caracterização do mito. Conforme registra Lévi-Strauss (1975: 240), “se queremos perceber os caracteres específicos do pensamento mítico, devemos, pois demonstrar que o mito está, simultaneamente, na linguagem e além dela.” Portanto, para Lévi-Strauss, o conceito de mito supera a condição de unidade discursiva portadora de uma mensagem. Do mesmo modo, Eliade (1996: 53) sustenta que o mito “narra os acontecimentos que se sucederam *in principio*, ou seja, no começo, em um instante primordial e atemporal, num lapso de tempo sagrado.”

Antes, porém, de analisar, no conto *Imembuí*, a (in) existência de *sinais míticos*

(sinais textuais, figuras encantadas, situações espaciais lendárias, objetos mágicos, ações sobrenaturais, recursos de personificação e, finalmente, metamorfoses) que, segundo Harald Weirich (apud Zilberman, 1973: 82), constituem “os sinais apropriados para o ouvinte ou o leitor reconhecer que se trata de um mito”, considero necessária uma reflexão, embora breve, a respeito do conceito de mito, no intuito de melhor compreendermos a sua relevância, principalmente, em narrativas que relatam as origens das nações (narrativas de origem).

Com base no depoimento de Slavutzky^{iv}, ao jornal *Zero Hora* (no dia 17 de novembro de 2001, na página 06), a palavra “mito” vem do grego, *mythos*, e deriva de dois verbos: *mytheio/narrar*, contar e *mytheo/conversar*, contar, anunciar, nomear, designar. Para os gregos, até 500 a.C. o mito é um discurso pronunciado para ouvintes que recebem como verdadeira a narrativa. A mitologia, portanto, junta duas palavras: mito e *logos*. *Logos* é razão, vem da palavra grega *legein/contar*, reunir, calcular e da palavra latina *ratio*, do verbo *reor/contar*, medir, juntar, calcular. Segundo Slavutzky, portanto,

ao praticar esses verbos, o homem está pensando de forma ordenada, com medida e proporção, com clareza. A razão, portanto, é uma maneira de organizar a realidade pela qual esta se torna compreensível. Portanto, o mito constitui, para Slavutzky, uma verdade que não é material, verificável, mas faz parte da realidade psíquica dos homens e produz efeitos na cultura humana, mudando sua história.

Lévi-Strauss, na obra **Antropologia Estrutural** (1975: 241), afirma que “um mito diz respeito, sempre, a acontecimentos passados: ‘antes da criação do mundo’, ou ‘durante os primeiros tempos’, em todo caso, ‘faz muito tempo’. Contudo, embora o mito represente uma associação de acontecimentos decorridos em um espaço temporal, constitui também uma estrutura permanente, uma vez que seu valor intrínseco está relacionado, conforme atestam as palavras de Lévi-Strauss, “simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro.”

Para Eliade, em **Imagens e Símbolos – Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso** (1991: 55), “os mitos são verdadeiros porque são sagrados, porque falam de Seres e de

acontecimentos sagrados.” Essa afirmação reitera a anterior no sentido de que, sendo o mito provido de *sacralidade*, não pode ser negado. Ainda segundo Eliade, constitui uma realidade superior à profana porque remete a acontecimentos que se sucederam em um instante *primordial e atemporal*, o tempo original da criação do mundo, identificado como o *Grande Tempo*, o *Tempo Sagrado*, que é reatualizado toda vez que um indivíduo, imerso em sua atual condição profana, ouve ou recita um mito.

Zilberman, na obra **Do Mito ao Romance** (1977: 24), reforça o depoimento de Eliade, no sentido de que o mito encerra um conceito de verdade, ou realidade, opondo-se, deste modo, à ficção. A seguir, lança-nos a seguinte questão, referente ao caráter funcional dos mitos: “o que provoca o surgimento de uma entidade criada pelo homem que termina por se sobrepor a ele e determinar a sua existência?” Uma resposta, a meu ver, coerente com os depoimentos anteriores, é registrada pela própria autora (1977: 23-4), ao assegurar que o mito consiste

numa tentativa de explicitação do universo, anterior à religião, porque surge num momento em que a última está ainda muito difusa em todos os setores da vida social; trata-se, pois, de uma ordenação do mundo, que, todavia, não pode ser desvinculada da existência cotidiana do homem primitivo, vindo a se constituir no seu fundamento único. Assim, não é ficção, uma explicação intelectual ou uma fantasia artística, mas uma realidade viva, que domina e determina ininterruptamente o mundo e o destino dos homens.

Conclui-se, pois, que a mitologia surge como uma tentativa de explicitação do universo. Devido a isso, narrativas ditas de origem, geralmente, para não dizer sempre, assumem um caráter mitológico, possível de ser identificado através dos sinais míticos, conforme mencionado anteriormente.

Ainda no que se refere à importância ou “função” do mito, Hall, na obra **A identidade cultural na pós-modernidade** (1998), sob o título *Narrando a nação, uma comunidade imaginada*, nos propõe a seguinte questão: *como é contada a narrativa da cultura nacional?*

Na tentativa de respondê-la, Hall sugere cinco exemplos de narrativas referentes à cultura nacional, dentre eles a do *mito fundacional*. Segundo esse autor, a narrativa do *mito fundacional* é

uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo 'real', mas de um tempo 'mítico'. Tradições inventadas tornam as confusões e os desastres da história inteligíveis, transformando a desordem em 'comunidade' e desastres em triunfos. Mitos de origem também ajudam povos desprivilegiados a 'conceberem e expressarem seu ressentimento e sua satisfação em termos inteligíveis' (Hobsbawm e Ranger, 1983, p. 1). Eles fornecem uma narrativa através da qual uma história alternativa ou uma contranarrativa, que precede às rupturas da colonização, pode ser construída. Novas nações são, então, fundadas sobre esses mitos.

A partir dessa reflexão, proponho uma análise quanto à (in) existência dos *sinais míticos* em *Imembuí*, diferenciando-a de narrativas de caráter lendário, no intuito de comprovarmos nossas inferências. Primeiramente, segundo H. Weirich (apud Zilberman, 1973: 82), a lenda inicia através de um *sinai textual*, como fórmula de introdução: "era uma vez..., era um dia..., era no tempo em que...". Esse primeiro *sinai mítico* não é verificado no conto de Cezimbra Jacques (1997: 106), o qual inicia do seguinte modo:

Na região onde hoje ostenta a luxuosa pompa de um vertiginoso progredir, a bela cidade de Santa Maria da Boca do Monte, mais ou menos no decorrer do 18.º século, errava uma numerosa tribo indígena pertencente à grande nação dos valentes Minuanos.

O segundo aspecto, dentre os *sinais míticos* a serem considerados, diz respeito à presença de uma *figura encantada* como, por exemplo, o boi barroso e a própria *Salamanca*, que figuram na lenda *A Salamanca do Jarau*, de Simões Lopes Neto. No caso de *Imembuí*, entretanto, não existem *figuras encantadas*. Os animais apresentados na narrativa (anta, avestruz, veado, tigre, cavalo, abelha, entre outros) não constituem *elementos maravilhosos*.

O terceiro aspecto refere-se à inexistência de *situações espaciais lendárias* assim como de *personagens lendárias* em *Imembuí*. A *Fonte do Taimbé - fonte de água cristalina* - local onde nasceu *Imembuí* e em torno do qual os índios *Minuanos* se fixaram, não constitui referência espacial lendária porque não pode ser entendido como um elemento maravilhoso, uma vez que existiu de fato.

O quarto aspecto refere-se à inexistência, no enredo de *Imembuí*, de *objetos mágicos* bem como de *ações sobrenaturais*. É comum, em narrativas lendárias, a intervenção de animais e outros elementos da natureza, assumindo atitudes próprias de seres humanos. A título de exemplificação, na lenda *A Salamanca do Jarau*^v, observa-se a seguinte passagem: *deu logo a lagoa um ronco bruto, nunca ouvido, tão dilatado e monstruoso (...) e lá no abismo, na caixa por onde ia já correndo, em borbotão, a água lamenta sujando as barrancas novas, (...).*

Essa constatação pode ser comprovada também a partir do *fervimento* da lagoa localizada junto à missão. Portanto, recurso da personificação não é explorado em *Imembuí*. Os animais, por exemplo, continuam sendo irracionais e desprovidos da fala como método comunicativo. Para finalizar, o recurso da metamorfose, isto é, a capacidade que os personagens têm de assumir outras formas, do mesmo modo não aparece em *Imembuí*.

CONCLUSÃO

Considerando esses *sinais míticos*, geralmente presentes em narrativas ditas lendárias, pode-se concluir que *Imembuí* insere-se na categoria de narrativa ficcional. Além de ser identificada como *Conto Indígena*, apresenta um autor, não constituindo, deste modo, mera invenção do ideário popular, transmitida de geração para geração. Cezimbra Jacques, ao lado de João Simões Lopes Neto, é um dos pioneiros no resgate de narrativas orais, folclóricas, e em sua fixação em texto escrito. No entanto, *Imembuí* é fruto de sua imaginação, pois, durante nossas pesquisas, verificamos que não existem registros da existência de tal personagem nem de um enredo semelhante, anterior a 1912, ano da publicação do conto.

O documento a seguir, encontrado no Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria,

atesta a relevância de João Cezimbra Jacques - *um santa-mariense que tem sabido honrar a sua terra natal* (conforme expresso no jornal) - no que concerne às origens históricas da cidade de Santa Maria.

Santa Maria – “A TRIBUNA” – 20 de julho de 1910 – Quarta-feira^{vi}

De um inspirado conto indígena, publicado na “A Federação” de 13 do corrente, extrahimos o que abaixo se vae lêr sobre a nossa terra.

Burilado pelo nosso distinto amigo e conterraneo major Cezimbra Jacques, versa sobre interessante episodio dos primitivos habitantes do Rio Grande do Sul, os indios, de cuja lingua inculta, mas expressiva, bella e onomatopaica, o major Cezimbra Jacques tem sido um apaixonado cultor.

Ao influxo do seu patriotismo sadio e orientado, procura estudar sempre tudo que se refere ao passado historico do caro torrão natalicio.

O major Cezimbra Jacques é um santa-mariense que tem sabido honrar a sua terra natal.

É, portanto, com grande prazer, que transladamos para estas columnas o que elle diz acerca das origens de Santa Maria:

Traços históricos

No aprazível sítio onde hoje demora a florescente cidade de Santa Maria da Bocca do Monte já existiam habitantes de origem hespanhola, desde epocas anteriores ao 18.º seculo.

Entre estes, figuravam os “biscainhos” domiciliados na fralda da serra de São Martinho, onde possuíam estabelecimentos de aparelhar e serrar madeiras para fornecimento das construções da sedutora cidade de Montevideu. As madeiras cortavam elles nas densas florestas que cobriam aquella serra, outr’ora povoada por multidões de “jaguetês”, (tigres); “caltetus”, porco do matto vulgarmente denominado “tateto” tayaçú, porco de vara; “borevis”, tapir ou anta; “guaçú” (veado”) e outros muitos quadrupedes, e ornadas pelos elegantes “jacotingas”, jacús, macúcus, jaós, urús, inhabús, pavões do mato”, multidões de

“puicaçús”, pombas e pelos grandes bandos variados de papagaios e muitas outras aves.

É possível que, com a entrada das forças dos exercitos portuguez e hespanhol, que no 18.º seculo subiram a serra commandados pelo general Gomes Freire de Andrade (conde de Babadella), na primeira tentativa da entrega das sete Missões, a quem do rio Uruguay, ao governo de Portugal, já houvessem ficado habitando essas paragens alguns indivíduos de nacionalidade portugueza.

Mas, o que se sabe de certo è que a bella cidade de Santa Maria da Bocca do Monte, teve começo de uma estação ali feita, pela commissão de officiaes portuguezes e hespanhòes, destinada à demarcação de limites entre os dominios das duas corôas, a de Portugal e a de Hespanha, e depois da celebre conquista de 1801, por luzido esquadrão de puros sulrio-grandenses ao mando do valoroso José Borges do Canto, natural de Rio Pardo.

Retirando-se, porém, a commissão de limites referida, ficou ali uma guarda por ordem do governo portuguez.

Em torno dessa guarda, agruparam-se os primeiros moradores de origem açorianos, vindos da freguezia da Serra ou Conceição do Arroio, da Capella de Viamão, de Porto Alegre e de outros povoados da então Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, fundando se assim o primeiro nucleo e as primeiras estancias, nos tempos em que faixas enormes de campos se achavam cobertas de gado vaccum, alçado e de grandes bandos de *baguaes* (animaes cavallares alçados).

Em seguida foi nesse ponto improvisada uma egreja, por iniciativa do capelão dessa guarda e o recente povoado tomou o nome de Capella de Santa Maria da Bocca do Monte.

Não só por causa da palavra Monte, de origem hespanhola como porque os jesuítas davam os nomes de Santos aos seus postos avançados, taes como – Santa Thecla, São Pedro etc, existindo nas proximidades daquelle sitio uma guarda de indios guaranys das Missões, dirigidas por esses padres se deve admittir que o nome de Santa Maria da Bocca do Monte, haja sido dado por elles.

Os estancieiros começaram a mandar edificar pequenas casas, nas proximidades da

egreja, para virem aos domingos e dias santos ouvir missas, resadas pelo capelão, que comquanto pertencesse ao exercito, dava obediencia, no que tocava ao religioso, ao vigario da Cachoeira.

Em seguida à conquista das Sete Missões, sendo internadas muitas familias indigenas, de origem guarany, não sómente para as differentes aldeias da Capitania como para diversas estancias, foi fundada ali também uma aldeia, onde até 1866, mais ou menos a lingua falada era o guarany, isto é, os filhos com seus paes, naquella época, já fallavam o portuguez, mas com os avós se entendiam em puro guarany.

Como em todo o Estado, daquella epoca a esta parte, o elemento indigena de Santa Maria, do tronco guarany, fundiu-se com os brancos e a antiga aldeia forma hoje uma das importantes ruas da cidade de Santa Maria.

Muito cooperaram para o desenvolvimento local e foram mesmo protectores do povoado, os coroneis João Antonio da Silva Cezimbra e José Alves Valença.

Depois da guerra de 1825, vieram para o lugar muitas familias de nacionalidade allemã, na qualidade de colonos – os quaes augmentaram o nascente povoado e colonisaram a visinha faixa da serra geral, rompendo frondosas florestas que luxuosamente a cobriam.

Manda a justiça dizer que esses colonos e seus filhos, hoje completamente assimilados ao elemento nacional, muito concorreram com os seus bons costumes de probidade e labores industriaes para o desenvolvimento da localidade.

E, toda a colonia allemã de Santa Maria offerecendo valioso concurso ao progresso dessa cidade, não deixou também de se fazer representar dignamente nas armas em defesa da Patria, pois dessa procedencia tomou parte na guerra do Paraguay um bom numero de soldados, que com os da nossa descendencia e a indigena directá para là seguiram, formando naquelle tempo, grande parte da flor da mocidade do municipio.

Com esses elementos, branco, indio e mestiço, era constituido o luzido e bravo 7.º corpo de cavallaria que, formando brigada com outro corpo, teve à frente o valente coronel –

João Niderauer, de saudosa memoria, verdadeiro typo marcial e cavalheiresco, de origem allemã, o qual foi morto no combate de Villeta, varado por um projectil inimigo, proveniente de um tiro dado por um soldado paraguay, que já se achava prostado em terra, devido a um ferimento grave.

Mais tarde surgiu de Santa Maria uma era de prosperidade, com a construção da estrada de ferro de Porto Alegre a Uruguayana.

Essa alta medida de progresso material, para o nosso querido Estado, veio dar ao lugar um grande impulso que, redobra de dia a dia, com o ramal que, partindo da mesma estrada vae a São Gabriel e a Bagé, e mais ainda com a estrada de ferro de *Itararé*.

Devido á sua feliz situação topographica, ficando ella junto a uma zona da fertilissima Serra Geral e ás estradas de ferro que cortam o nosso grandioso Estado de Sul a Norte e de Este a Oeste, está essa cidade fadada para ser uma das mais importantes deste solo abençoado que se chama Rio Grande do Sul.

No aprazivel sitio onde demora a cidade de Santa Maria de existir ainda hoje uma enorme fenda no terreno, tendo no fundo uma area triangular circumdada de altos paredões cujas bordas eram outr'ora cobertas de mattas. Pelo lado do sul, si não nos falha a memoria, existia uma entrada em forma de escada que permitia descer até a dita area que fica na base dos paredões.

A porção dos paredões do lado do Nascente offerece uma parte solapada de onde joram chrystalinas aguas que, dahi em diante correm para o Poente em forma de um regato, passando junto à base da parte dos paredões que fica ao sul.

Fora do regato essa area é enxuta e póde conter muitas pessoas.

Em resumo, trata-se de um antro ou caverna que desde tempos remotos era denominado "a Fonte do Taimbé" ou simplesmente "Taimbé", da palavra guarany – "Itaembé", borda ou beira de pedra.

Nessa cidade è talvez no *Taimbé* onde existe a melhor agua potavel e o melhor banho natural.

Em taes condições eram attrahidas para esse pittoresco arrabalde, grande numero de pessoas da antiga villa de Santa Maria.

Não eram raros entre os frequentadores do "Taimbé", os que escreviam letreiros pilhericos nos paredões referidos e os que desenhavam nos mesmos, em grosseiros traços, figuras de pessoas, de animaes e de objectos, pois a *tabatnga* de que são os mesmos paredões formados presta-se muito bem para taes praticas.

Era assim que o visitante do antro, ao chegar nelle notava logo, aqui um escripto chistoso alèm o desenho de um homem, mais alèm o de um cavallo, adeante o de uma bota e de muitas outras cousas.

Numero 34.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: DIFEL – Difusão Editorial S.A, 1985.
- CEZIMBRA JACQUES, João. **Assuntos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro Martins – Editor, 1997.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1994.
- , **Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FILIPOUSKI, Ana Mariza; NUMES, Luiz Arthur; BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina. **Simões Lopes Neto: a invenção, o mito e a mentira; uma abordagem estruturalista**. Porto Alegre, Movimento, I.E.L., 1973.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- ZILBERMAN, Regina. **Do mito ao romance: tipologia da ficção brasileira contemporânea**. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1977.

NOTAS

ⁱ O presente texto, resultado das atividades de pesquisa desenvolvidas no projeto *A Lenda da Lenda de Ymembuy*, orientado pelo professor Dr. Orlando Fonseca, apresenta dados que comprovam o caráter ficcional do conto Imembuí, do escritor santamariense João Cezimbra Jacques, hoje tido como lendário.

ⁱⁱ Aluna do 7.º semestre do curso de Letras da UFSM, orientanda e bolsista CNPq do projeto.

ⁱⁱⁱ ZILBERMAN, Regina et al. **Simões Lopes Neto: a invenção, o mito e a mentira; uma abordagem estruturalista**. 1973, p. 83

^{iv} SLAVUTZKY, Abrão. Psicanalista e professor no GEA (Grupo de Estudos Avançados).

^v NETO, Simões Lopes. **Lendas Gaúchas**. A Salamanca do Jarau. Vol. 5. p. 19

^{vi} A digitação desse texto jornalístico conservou a sua forma original, sem qualquer correção (ou adequação) gramatical.